

A poesia do jornalismo e o jornalismo na poesia: o tema em Manuel Bandeira

20/08/2005

Edônio Alves do Nascimento*

“Não há nada que valha a pena conhecer além dos fatos. Fatos concretos, fatos apenas”.
(Axel Heyst, personagem de Joseph Conrad)

Por dedução, o título deste estudo sugere uma relação em nível, se não teórico, pelo menos metonímico, do jornalismo com a poesia. É de se perguntar, então: admitida a validade dessa relação, em que sentido pode haver uma aproximação do discurso poético com o discurso jornalístico, dado que esses diferentes campos discursivos têm constituição e preocupações distintas quanto às suas finalidades? Conseqüentemente, admitindo-se já a validade da relação proposta – é de se responder que sim, que o jornalismo e a poesia não só podem se relacionar entre si como se influenciar mutuamente, conforme atesta, em particular, um poema de Manuel Bandeira que analisaremos doravante.

Importa acrescentar aqui, ademais, que reforça essa validade da relação da poesia com o jornalismo uma tendência estética das letras brasileiras que tem início nos primeiros anos do nosso Modernismo literário. Assim, não só o poema, em análise, como o próprio movimento modernista brasileiro testificam, cada um à sua maneira, o primeiro na sua temática e forma artística, e, o segundo, em seu horizonte programático, a relação que estudaremos a seguir da poesia com o jornalismo.

É que Manuel Bandeira publica, na edição de 1930 do seu livro *Libertinagem*, um texto intitulado “Poema tirado de uma notícia de jornal” que abaixo transcrevemos:

João gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Como se percebe claramente, não só o título sugere, mas a própria forma deste poema afirma a sua relação concreta e direta com o jornalismo: “À primeira vista, novidade, brevidade, simplicidade coloquial, clareza e objetividade na apresentação direta e impessoal dos fatos são traços da linguagem jornalística que aí comparecem de forma nítida”, constata Davi Arrigucci Jr. em abono ao que se aventou acima sobre a relação da poesia, plasmada aqui num poema em particular, com o discurso literário e jornalístico simultaneamente.

Afirma ainda essa relação, a nosso ver, o fato de o poema ser passível de fácil conversão à forma clássica de apresentação da notícia no jornal: o lide. Assim, em termos jornalísticos, o texto (a notícia da morte de João Gostoso) poderia ter a seguinte forma:

João Gostoso, um carregador de feira-livre, morador do morro da Babilônia, barracão sem número, morreu afogado ao se atirar na Lagoa Rodrigo de Freitas na mesma noite em que chegou ao bar Vinte de Novembro onde bebeu, cantou e dançou.

Em termos jornalísticos, pois, o poema nada mais é do que o aproveitamento estético de um *fait-divers* convertido em um lide que tem por função apresentar ao leitor a notícia de um suicídio ocorrido em uma determinada noite na Lagoa Rodrigo de Freitas. Notícia essa que, pela boa técnica jornalística de situar o fato, deve ter seus seis elementos essenciais de compreensão claramente expostos ao leitor: O Quê (o suicídio de João Gostoso: núcleo básico da notícia); o Quem (o próprio João Gostoso); o Quando (numa noite); o Onde (na Lagoa Rodrigo de Freitas); o Como (afogado) e o Por quê? (que ficou sem resposta).

É de notar-se, aqui, após essa conversão do poema em registro jornalístico, a ocorrência de duas particularidades significativas que repontam na referida adaptação. Primeiro: que o lide, como já dissemos, resume um *fait-divers*, conceito este do campo teórico do jornalismo que dissecaremos mais à frente; e, segundo: que na versão do poema para a forma própria de uma notícia (de onde o “eu” lírico diz ter tirado a poesia, tornada poema) não se respondeu o último elemento do lide – o Por quê? Analisemos, pois, estas duas particularidades separadamente, uma vez que ambas – tanto o *fait-divers* quanto a não resposta ao sexto elemento do lide – são elementos técnicos do discurso jornalístico que aqui ganham importância capital por ocasião da passagem do registro jornalístico para o trabalho poético, efetuado com rara eficácia artística pelo poeta Manuel Bandeira.

Começamos pela compreensão do que seja, em termos jornalísticos, um *fait-divers*. Afirma Roland Barthes, ao teorizar sobre o assunto num ensaio intitulado “Estrutura da notícia”, integrante do seu livro “Crítica e verdade”, que esse tipo de comunicação jornalística encerra uma informação total: “ou mais exatamente, *imane*nte; ele contém em si todo o seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait-divers*; ela não remete a nada além dele próprio”. O teórico francês realça essa característica do *fait-divers* em contraposição a outros tipos de comunicação jornalística que dependem de um contexto lingüístico que lhe é exterior para a sua compreensão e definição de suas estruturas. Assim, o assassinato de um político, por exemplo, nas palavras de Barthes, remete necessariamente a uma situação extensiva que existe fora dele, antes dele e em torno dele: a política. Nesse caso, a informação não pode aqui ser entendida imediatamente, ela só pode ser definida em proporção de um conhecimento exterior ao acontecimento, que é o conhecimento político, por mais confuso que ele seja.

“O *fait-divers*, pelo contrário” - diferencia Roland Barthes: “É uma informação total, ou mais exatamente *imane*nte; ela contém em si todo o seu saber: não é preciso conhecer nada no mundo para consumir um *fait-divers*”, reitera.

Uma outra característica básica para a definição da estrutura desse tipo de informação jornalística é, segundo ainda o semiólogo francês, o fato de ele encerrar uma estrutura fechada a partir da oposição de dois termos:

“Eis pois uma estrutura fechada. Que acontece no interior dessa estrutura? Um exemplo, o menor possível, o diria talvez. ‘Acabam de limpar o Palácio da Justiça’. Isso é insignificante. ‘Não o faziam há cem anos’. Isso se torna um *fait-divers*. Por quê? Pouco importa a anedota (não se poderia encontrar menor do que esta); dois termos são opostos, que apelam fatalmente para uma certa relação, é a problemática dessa relação que vai constituir o *fait-divers*; a limpeza do Palácio de Justiça, de um lado, e sua raridade, de outro, são como os dois termos de uma função: é essa função que é viva, é ela que é regular, portanto inteligível”.

Barthes completa o raciocínio sobre a estrutura desse tipo de enunciado jornalístico afirmando que não há, portanto, nenhum *fait-divers* simples, constituído por uma só notação. Ele só começa onde a informação se desdobra e comporta, por isso mesmo, a certeza de uma relação: a brevidade do enunciado e a importância da notícia. “Assim,

todo *fait-divers* comporta pelo menos dois termos, ou se preferir, duas notações”. E é precisamente o tipo de relação imanente mantida entre essas duas notações (que são de dois tipos: a relação de causalidade e de coincidência) que vai determinar se esta ou aquela notícia é ou não um *fait-divers*.

É, mais precisamente ainda, a perturbação da causalidade (os desvios causais) que vai marcar a natureza e a importância jornalística do *fait-divers*: “para pequenas causas, grandes efeitos”, diz Barthes. E acrescenta:

“(…)em virtude de certos estereótipos, espera-se uma causa, e é outra que aparece: ‘Uma mulher esfaqueia seu amante’: crime passionnal? Não. ‘Eles não se entendiam em matéria de política’. ‘Uma empregada rapta o bebê de seus patrões’: para obter um resgate? Não. ‘Porque ela adorava a criança’. ‘Um assaltante ataca mulheres solitárias’: sádico? Não. ‘Simplesmente ladrão de bolsas’. Em todos esses exemplos, vê-se bem que a causalidade revelada é de certa forma mais pobre do que a causa esperada. (...); existe com efeito, nesse gênero de relação causal, o espetáculo de uma decepção; paradoxalmente, a causalidade é tanto mais notável quanto mais é decepcionada’.

Abandonando um pouco estas considerações do âmbito da teoria jornalística, voltemos ao achado poético de Manuel Bandeira, ressaltando, mais uma vez, que seu poema não respondeu ao sexto elemento da notícia jornalística (o Por quê) de onde foi tirado. Em certa altura do seu ensaio “Poema desentranhado”, que integra o livro “*Humildade, paixão e morte, a poesia de Manuel Bandeira*”, anota Davi Arrigucci Jr. os procedimentos composicionais empregados por Bandeira na fatura do já referido Poema:

“Raras vezes, Bandeira conseguiu tirar tanto de tão pouco. O seu achado se tornou tão seu, que é difícil não reconhecer-lhe os traços inconfundíveis do estilo pessoal, as características marcantes de um modo de conceber e dar forma à poesia que definem sua fase madura. Além disso, a total concentração do poema, fruto de uma poda completa, gera uma extraordinária intensidade do sentido, que só se expande, com essa máxima contenção. Um duplo paradoxo: por um lado, do achado supostamente casual de uma matéria jornalística, impessoal e não poética, se faz um poema com a marca personalíssima de um estilo e de uma poética; por outro, a simplificação da matéria achada, feita com suprema economia de meios, produz uma amplificação do sentido”

Muito bem! Está claro, pelo dito, que Arrigucci percebe aqui a relação direta e concreta (pugnada no título deste trabalho) do discurso poético com o discurso jornalístico expressa através da transformação, que o poeta faz, de um *fait-divers* (matéria jornalística) em um poema (matéria literária). Todavia, essa relação é percebida, aqui, segundo nosso entendimento, a partir de uma redução valorativa do segundo discurso (o jornalístico) ao primeiro (o poético). E mais: essa redução é creditada, nesse caso específico, à “marca personalíssima de um estilo e de uma poética”, atribuídos a Manuel Bandeira. Tal estilo, assegura Davi Arrigucci, é que criou um paradoxo de efeito estético: “(...)do achado supostamente casual de uma matéria jornalística, *impessoal e não poética*, se faz um poema com a marca personalíssima de um estilo e de uma poética”.

Ora, por mais personalíssima que seja a marca do estilo que enforma a poética particular de Manuel Bandeira – e sabemos que seu estilo é vigoroso e o inclui entre os maiores poetas da nossa literatura - não foi seu estilo nem “a simplificação da matéria achada” que garantiu aqui (embora tenha contribuído muito) a “amplificação do sentido” deste poema de Bandeira. Conforme nos ensina Roland Barthes, é da própria estrutura imanente do *fait-divers* a sua “suprema economia de meios”, como também o é a sua “amplificação do sentido”, que advém justamente do paradoxo causal (ou “casual”), percebido por Arrigucci Jr. Se não, confira-se a conversão do poema para a forma de lide jornalístico: o poema bandeireano possui seis versos (linhas poéticas) na sua estrutura e a respectiva versão em lide possui apenas três linhas. Mesmo

considerando-se as diferenças técnicas do verso (linha poética) para a linha tipográfica (lauda jornalística), reponta comparativamente clara a economia de meios, ao menos em termos quantitativos, rigorosamente presente nos dois casos. Com leve “vantagem” para a forma do lide jornalístico, diga-se de passagem, se agruparmos todas as palavras do poema em linhas tipográficas.

Deriva daí, das observações dos dois teóricos, que algumas questões se impõem, ao que parece, neste contraponto de idéias sobre a relação do discurso jornalístico com o poético, aqui timidamente esboçado. Por se imporem ao cotejo das observações, digamos, divergentes dos dois estudiosos, estas questões merecem, ao menos, breves considerações nesta oportunidade. Façamo-las separadamente.

A primeira questão que salta aos olhos nessa discussão teórica do jornalístico com o poético é o refutamento da noção corrente de que o discurso jornalístico, pelo seu conteúdo de efemeridade, de referencialidade, de pragmatismo e de impessoalidade, não possui potencialidades poéticas; a visão de que o discurso jornalístico é “apoético” por natureza, como quer fazer crer as palavras de Davi Arrigucci Jr.

Nesse particular, diríamos até que o discurso jornalístico não só possui virtualidades poéticas (depende apenas de como se debruçam sobre ele os poetas) como já se constituiu mesmo em ordem do dia, em termos de material artístico, num dos momentos históricos do processo de definição estética do movimento modernista do qual foi participante o nosso Manuel Bandeira. Isso aconteceu nos primeiros momentos da definição de uma espécie de *objetivação do lirismo*, atitude estética que consistia, entre outras coisas, em traduzir “para o moderno” ou “pra caçange” (conforme o próprio Bandeira chamou o “idioma nacional dos brasileiros”) a linguagem poética nacional, numa luta onde se buscava ferir de morte a língua culta dos puristas, segundo nos explica, contraditoriamente, o próprio Davi Arrigucci Jr. no seu mesmo ensaio.

Assim, imbuído desses novos propósitos estéticos, Manuel Bandeira começa a “meter as mãos na matéria impura do mundo”, a se afastar da esfera elevada onde tradicionalmente se situava o poético; começa a perceber que o poema (ou melhor, a poesia) também jaz entranhado no chão do cotidiano. “O poeta muitas vezes se delicia em criar poesia, não tirando-a de si, dos seus sentimentos, dos seus sonhos, das suas experiências, mas ‘desorganizando-a’, como disse Couto Barros, dos minérios em que ela jaz sepultada: uma notícia de jornal, uma frase ouvida num bonde ou lida numa receita de doce ou numa fórmula de *toilette*”, observa o próprio Bandeira em uma de suas crônicas em que faz digressões acerca do trabalho poético.

Aliás, o contato do discurso jornalístico com o discurso poético não ficou restrito apenas a esse momento inicial de definição estético-doutrinária do nosso Modernismo. Na literatura praticada na década de setenta, por razões que fogem ao interesse desse estudo, também a poesia foi buscar no jornal sua fonte de inspiração e formulação artística. Veja-se, como exemplo, esse fragmento dos quatro versos iniciais do poema “Questões de método”, de autoria do poeta Sebastião Uchoa Leite:

um monte de cadáveres em el salvador -
 no fundo da foto
 carros e ônibus indiferentes –
 seria isso a realidade?

À parte a condição desses quatro versos poderem ser lidos perfeitamente como a legenda de uma foto que acompanhasse uma reportagem jornalística, Flora Sussekind anota-lhe sobretudo a *objetivação do lirismo* de que falávamos acima: “(...)na poesia de Sebastião Uchoa Leite concretiza-se a própria idéia de “nada”, na qual se deita e “nada” o sujeito lírico. E não se hesita em passar dos paradoxos e jogos com o sentido para o terreno do já-dito ou do *fait-divers*”.

Ao lançarmos, pois, um olhar retrospectivo e ao mesmo tempo crítico sobre aquele momento de definições do nosso Modernismo, é fácil perceber as implicações estéticas dele derivadas que marcaram os rumos da poesia brasileira até hoje, conforme bem o exemplifica o poema de Uchoa Leite.

O próprio Davi Arrigucci observa percucientemente o caráter destas implicações estéticas tributárias da relação mais estreita do jornalismo com a poesia que, segundo ele:

“Implicava, desde logo, a linguagem poética, na medida em que tornava possível perceber qualidades de poesia em formas lingüísticas situadas num espaço muito além dos limites a que até então se restringia o discurso poético. A linguagem poética passava, por exemplo, a incorporar de repente, em arranjos incomuns, lugares-comuns da língua falada. (...)O jornal aparecia assim como um campo de exploração da nova percepção da poesia e ainda como espaço de mediação para a nova poética, entendida como uma nova atitude diante da obra a fazer”.

Paradoxalmente, surge então, aqui, uma outra questão que merece registro e que deriva da primeira já apontada: é a consideração, levada a efeito pelo estudo de David Arrigucci Jr., do *fait-divers* em si como matéria não literária. E assinalamos isso porque a certa altura do ensaio já citado de Roland Barthes ele assim anota: “Não há *fait-divers* sem espanto (escrever é espantar-se); ora, relacionado a uma causa, o espanto implica sempre uma perturbação”. E mais à frente acrescenta: “(...)o *fait-divers* nos diz que o homem está sempre ligado a outra coisa, que a natureza é cheia de ecos, de relações e de movimentos; mas, por outro lado, essa causalidade é constantemente minada por forças que lhe escapam; perturbada, sem entretanto desaparecer, ela fica de certo modo suspensa entre o racional e o desconhecido”.

Eis aqui, portanto, nas palavras de Roland Barthes, o cerne do fundamento que deveria orientar, a nosso ver, a análise do “Poema tirado de uma notícia de jornal,” de Manuel Bandeira, considerando-se que o escopo teórico da análise feita por Arrigucci Jr. inclui “começar precisamente pela analogia com o jornal” – como é também o caso da proposta de estudo aqui presente. É, então, aqui, que entra uma terceira questão que julgamos procedente trazer à baila nesse pequeno esboço de trabalho analítico: nos referimos à falta de atenção dada no ensaio de Arrigucci Jr. ao fato do poema de Manuel Bandeira não ter respondido o sexto elemento da notícia (o Por quê) do *fait-divers* do suicídio de um tal João Gostoso.

É que julgamos esse elemento fundamental para a compreensão do poema de Bandeira na sua relação com o discurso jornalístico.

É certo que a análise do texto, feita por Davi Arrigucci Jr., é brilhante por vários motivos. Entre eles, o delineamento que traça do percurso – e a sua influência na composição deste texto em particular – da poética bandeireana na sua definitiva inserção no campo programático do Modernismo. Mas, entendendo que o poema encerra um *fait-divers*, parece óbvio que o ensaísta devesse também incorporar ao seu instrumental teórico-argumentativo de análise os desdobramentos semânticos que derivam da estrutura em si desse tipo de enunciado jornalístico, já que eles terão inevitáveis implicações no rendimento estético do seu aproveitamento poético como comprova aqui o caso do poema de Manuel Bandeira em estudo.

Desse modo, nos parece de fundamental importância, para atestar a grandeza do poema, por exemplo, não apenas a compreensão que se deve ter da passagem, feita por Manuel Bandeira no poema, de “um caso singular a uma forma significativa de valor geral”. Nem as implicações dela decorrentes de uma poética cifrada na simplicidade com que desentranha o sublime do prosaico e humilde cotidiano, mas, sim, o fato de o texto

encerrar em seu conteúdo mais profundo, como um autêntico *fait-divers*, aquela contradição causal que já apontou Roland Barthes. Assim, à parte o exímio trabalho de artifice da palavra, operado aqui com o material poético por Manuel Bandeira, é justamente a “causa diferida” que encerra o próprio texto jornalístico que implica o ganho poético de sua mensagem. Ou seja, o texto-base do poema (de natureza jornalística) já contém em si mesmo as propriedades poéticas tão bem potencializadas pelo poeta em seu poema.

Visto o poema sob esse ângulo, concordamos com Davi Arrigucci na observação de que o destino singular de um tal João Gostoso, virado notícia, é resgatado, por Bandeira, com força significativa de valor geral, que se impõe à compreensão do leitor, mas é difícil aceitar sem restrições a conclusão a que chega de que “ a complexidade de um destino e tudo o que ele envolve se condensa numa forma simples, desentranhada do jornal para ironicamente contradizê-lo”.

A nosso ver não há contradição aqui. A forma simples a que Arrigucci alude é, como já vimos, parte essencial da estrutura mesma do *fait-divers*, enunciado jornalístico que, neste caso, só afirma e complementa o enunciado estético do poema. Nem mesmo a efemeridade e contingências inerentes ao fato de a mensagem encontrar-se originalmente, digamos, diluída nas páginas de um jornal (espaço de diluição do sujeito, que o poema tematiza dionisiacamente – ressalve-se) elidem a sua força significativa, aliás, eficientemente aproveitada por Bandeira.

As propriedades poéticas desse texto resultam, pois, pela nossa ótica, da consideração de dois fatores imanentes e essenciais presentes nos dois registros desse *fait-divers*, o poético e o jornalístico propriamente dito: o contraste expresso na radical contradição dos seus termos: a alegria e celebração da vida feita por João Gostoso, por um lado, e a abrupta irrupção da sua morte, por outro; e o fato dos dois registros não responderem a última pergunta dos elementos da notícia que encerra: “o Por quê?” do lide jornalístico.

Afirmando que um dos inúmeros pontos de contato do *fait-divers* com a literatura é o seu aproveitamento, por exemplo, na estrutura do romance policial, Roland Barthes assegura que o crime misterioso, base estrutural desse tipo de ficção, se sustenta em termos de verossimilhança por uma relação de causalidade diferida: “o trabalho do policial consiste em preencher de trás para diante o tempo fascinante e insuportável que separa o acontecimento de sua causa; o policial, emanção da sociedade inteira sob sua forma burocrática, torna-se então a figura moderna do antigo decifrador de enigmas (Édipo), que faz cessar o terrível *porquê* das coisas; sua atividade, paciente, obstinada, é o símbolo de um desejo profundo: o homem tapa febrilmente a brecha causal, empenha-se em fazer cessar uma frustração e uma angústia”.

É, portanto, nesse caso do poema de Manuel Bandeira, a angustiante e radical falta de explicação racional para a causa de uma morte que, por tudo parecia improvável – daí o motivo para o seu aproveitamento jornalístico –, não só por contrapor abruptamente um instante de febril alegria (celebração da vida) a um posterior momento fúnebre por obra da morte (supressão da vida) - mas também o reforçar a causalidade diferida, aí presente, a circunstância dessa morte ter ao mesmo tempo como agente e motivo o mesmo João Gostoso que há pouco se esbaldava de comunhão com a própria vida.

Por conseguinte, a força expressiva do poema advém justamente da “brecha causal” que aqui é mantida devido a não resposta ao “Por quê” do poema e do lide jornalístico. *Por quê* esse a que o poeta agrega, no poema, valor ontológico e estético simultaneamente, plasmando, de maneira exemplar, com e na simplicidade de sua expressão poética, um perfeito casamento da forma com o conteúdo da mensagem.

Sendo a poesia um discurso que prima, entre outros atributos, por “rastrear o enigma que dorme sob a sombra de cada coisa e de cada experiência”, é por isso mesmo imanente à sua estrutura constitutiva como discurso o não fechar resposta ao enigma que enfrenta, seja das coisas, seja dos homens. Assim como é também inerente ao *fait-divers*, enquanto discurso jornalístico que encerra, não ser redutível à fórmula completa da notícia que o lide tem a finalidade técnica de resumir. Tanto num registro como noutra – no poético ou no jornalístico – é o porquê das coisas que se impõe de *per se* como valor expressivo essencial. Manuel Bandeira, como exímio poeta que é, soube captar, no poema tirado de uma notícia de jornal, o essencial poético que há na mensagem jornalística. E nesse caso, sim, cumpre à crítica mostrar por quê.

Notas

Estrela da vida inteira. Rio, José Olympio, 1966, p. 117.

Arrigucci Jr., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 89.

Lustosa, Elcias. *O Texto da Notícia*. Brasília: Editora da UnB, 1996. p. 77.

Barthes, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Id. Ibid. p.p. 58-59.

Id. Ibid. p. 59.

Id. Ibid. p. 62.

Arrigucci Jr., Davi. Op. cit. p. 90. (grifo nosso).

Id. Ibid. p. 91.

Não só Bandeira, mas vários outros seus contemporâneos, como Pudente de Moraes, Neto, conforme registra Arrigucci Jr. op. cit. p. 96

Cf. “Poema desentranhado”. In: *Flauta de papel*, incluída em M. Bandeira, *Poesia e prosa*. Rio, J. Aguilar, 1958, p. 284.

Tais razões, constituem, especificamente, tema de minha dissertação de mestrado em elaboração (2000), a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, cujo objetivo é estudar as implicações da relação mantida entre o jornalismo e a literatura na década de 70 no Brasil.

[13] Apud. Sussekind, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 86.

[14] Sussekind, Flora. Op. cit. p.p. 85-86.

[15] Arrigucci Jr., Davi. Op. cit. p. 92.

[16] Arrigucci Jr., Davi. Op. cit. p. 92.

[17] Arrigucci Jr., Davi. Op. cit. p. 101.

[18] Barthes, Roland. Op. cit. p. 61.

[19] Barbosa Filho, Hildeberto. “A poesia litúrgica de Luís Augusto Cassas”. In: *A União*, 08/10/200, nº 208, João Pessoa-Pb.

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio, José Olympio, 1966.

_____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. “A poesia litúrgica de Luís Augusto Cassas”. In: *A União*, 08/10/200, nº 208, João Pessoa-Pb.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LUSTOSA, Elcias. *O Texto da Notícia*. Brasília: Editora da UnB, 1996.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas diários e retratos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

*** Edônio Alves Nascimento é professor do Curso de Comunicação Social da UFPB. Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.**